O INFANTE — SÍMBOLO DE UMA ÉPOCA E DE UMA PÁTRIA

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

Evocação no

VICENTENÁRIO HENRIQUINO 1460 • 1960

POR M. LOPES RODRIGUES

FOI na cidade do Porto — na cidade da Virgem — em quarta-feira de cinzas do ano de 1394, no primeiro dia do chamamento dos homens à contrição e à penitência quaresmal, dia de quietude e de rezas, que nasceu, por mercê de Deus, mais um varão da estirpe real da segunda dinastia — a mais grandiosa e cavalheiresca de todas — varão que, sendo neto de uma mulher do povo, foi filho de uma Princesa e de um Rei, e que devia ser, mais tarde, pelo designio omnipotente da mesma mercê, uma das figuras mais destacadas, mais egrégias e representativas da inclita geração e da História de Portugal.

Nesse dia memorável, devassando a penumbra da alcova dos aposentos reais do Paço da Ribeira, cujos silêncios acordaram ao eco cristalino dos primeiros vagidos deste predestinado Infante, abriram-se os cortinados de rendas vaporosas, pendentes de sanefas roxas com bordaduras de oiro, para, assim, em toda a sua plenitude — a cantar aleluias — entrar a luz brilhante dessa bela manhã; para que a luz de fora, a luz do espaço e do mundo e da terra portuguesa não tardasse a espargir à volta do recém-nascido as suas fecundas claridades, perfumadas com essências raras e bentas saídas de um turíbulo etéreo agitado solenemente pelas mãos de Deus!

E não se havia aquietado ainda o alvoroço da corte e o entusiasmo dos nobres e do povo — e já no domingo seguinte o então menino era levado à pia baptismal da Sé — ao divino Sacramento da regeneração — para ser, desde logo, nos caminhos da vida e da História, o mais excelso Infante Dom Henrique, o das Descobertas.

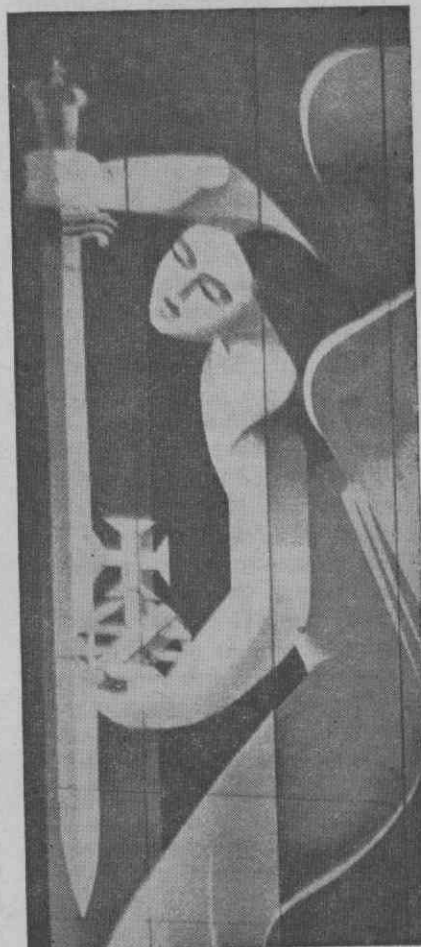
O dia mostrou-se radioso, correspondendo à solenidade. E, enquanto lá dentro, na grandeza da catedral, faiscavam ouro os sebastos paramentais e o pluvial riquíssimo do Bispo de Viseu, seu padrinho, e cintilavam as vestes dos familiares e os aurifrégios ou escarchas dos convidados e acompanhantes — entre luzes, perfumes e flores — cá fora, juntando-se à alegria, ao cerimonial e ao povo que aclamava, as pombas brancas, descidas das cimalhas do templo, em fitas de alvura ou em novelos turbilhonantes, volteavam doidas, a festejar também, numa ronda de afagos, a alma cristã e purificada do novo Príncipe.

E, assim, sob estes claros e significativos auspícios, decorreram os anos... e, vida além, foi crescendo com eles o glorioso Infante.

A seu lado, em vigília permanente, ciente da progénie da dinastia que se gerava no seu ventre, a austeridade e a suavidade de sua augusta mãe que, meditando nos Evangelhos, conduzia seu filho a receber uma séria formação religiosa e moral, a par do desenvolvimento da sua inteligência e a par da nobreza distinta do seu sangue.

Mais tarde, já senhor de raciocínio construtivo chegavam até si os cometimentos de seu pai — com quem, segundo dizem os cronistas, se parecia nos aspecto e no carácter — as glórias e as virtudes do Condestável e esses actos heróicos que floresciam nos fios das espadas dos ricos-homens e nas pontas das lanças das suas mesnadas.

Disto lhe resultou, certamente, o seu gosto pela vida

Continua na página 2

PRESENÇA DE AVEIRO

no Primeiro Centenário do Nascimento de HOMEM CHRISTO

Amanhã, domingo, pelas 10,30 horas, o povo aveirense cumprirá um dever cívico e de gratidão, e certamente o cumprirá com legítimo orgulho, concentrando-se à porta do Cemitério Central, para, dali, ir depor flores na jazida de um dos seus mais ilustres conterrâneos, que Aveiro viu nascer há um século — precisamente em 8 de Março de 1860. Será essa — por vir espontâneamente do povo — a celebração mais ajustada à memória do vulto egrégio que do povo descendeu e ao povo tanto se devotou; será essa — por vir de aveirenses — a melhor consagração a quem fez ecoar em toda a parte o nome da sua terra e pelos mais ingentes problemas da sua terra se bateu, com a indómita energia duma pena informada por lúcida inteligência e por invulgar cultura.

Temperam-se os caracteres, não só pelo exercício dos méritos próprios, mas ainda pelo isento preito aos méritos alheios; e Homem Christo é credor da admiração dos homens isentos — dos que em sua vida lhe foram afectos ou desafectos, pois para todos deve contar, transcendendo mesquinhos despeitos, a estatura mental do grande lutador.

...e também nas glórias do inclito Infante teve seu quinhão o aveirense João Afonso

A Homenagem da JUNTA AUTÓNOMA

A Comissão Administrativa da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, em sua sessão de 29 do mês findo, resolveu, por unanimidade, e por proposta do seu Vice-presidente, sr. Comandante Manuel Branco Lopes, manifestar preito de homenagem à figura ilustre de Francisco Manuel Homem Christo, que foi Presidente da Junta Autónoma e vigoroso pugnador da realização do porto de Aveiro.

Para vincular essa homenagem, foi resolvido dar o seu nome à Praça do Forte da Barra. Ainda como preito de homenagem, e pelo muito respeito à sua memória, foi levantada a sessão logo em seguida à apresentação e aprovação da proposta.

AVEIRO, 5 DE MARÇO DE 1960 • ANO SEXTO • NÚMERO 280

Rascunho da Semana

AS VÉNUS DE ARAME

Uma rápida visita de olhos pelos magazines especializados — ou, até, pela vulgar imprensa cotidiana — permite a qualquer senhora familiarizar-se prontamente com as respeitáveis características da Moda-1960: silhuetas esguias e ombros débeis, cavos amplos e *tailleurs* decotados, vestidos de noite roçando o tornozelo e vestidos de dia abaixo do joelho. As cores neutras voltam ao galarim — e, com elas, o escocês de seda, a túnica imperial, as saias *tubulares*, o plissado duplo, as mangas quimono ou *asa de morcego*. Virginie, famigerada costureira de meninas e ex-patroa do ex-modelo Brigitte Bardot, preconiza o verde cru e o vermelho rubi; Givenchy lança o casaco de duas faces, capuz, botões enormes; a casa Tiktiner aconselha os organdis floridos e Caroline Rohmer engendra fascinantes golas de tirar e pôr, em *nylon* alvinitente.

De tudo isto resulta para a Humanidade, como é óbvio, um extraordinário benefício. Mas não nos parece justo que, nas entrelinhas das notícias respectivas, se entendam amarguantes e horrendos propósitos de mistificação. De burla. De cínico desprezo pelos minguados direitos que ainda restam ao homem. Acontece que um jornal diário transcreve as brilhantes opiniões de três magnates da Costura, três semi-deuses da tesoura e do brocado que, no caso, se pronunciam clarividentemente sobre o eterno pormenor do busto feminino; e dizem eles:

O busto da mulher recuperará, nas próximas estações, toda a sua importância (Dior);

O busto será como uma flor que desabrocha em toda a sua plenitude (Grès);

O busto será alto e arredondado (Michael Gomma).

Estas palavras ressumbram sinceridade, nobreza, poesia. Têm qualquer coisa de pintura clássica e adormentam-nos a orelha como valsas de Strauss. Mas o leitor, antes de se entusiasmar, atente na maldade, na crueza, no duro materialismo da explicação que vem a seguir:

Isto significa que, nas próximas estações, os vestidos dependerão do «soutien», que terá de obedecer a certas exigências — tecido consistente, modelo pespontado, levemente enchumaçado e armado sobre círculos de arame.

MAMUTE

Mamute, segundo rezam os dicionários, é o nome dum avantajado elefante que viveu na Europa e na Ásia do Norte durante a época quaternária. Mas os dicionários não rezam tudo. *Mamute* é, também, a preclara designação de certas orgias que costumam verificar-se nalgumas *vilas* da beira-mar italiana, com notória afluência de pessoas que recusam ocupar os seus ócios de maneira mais decente.

Ora sucede que Frederico Fellini — cineasta implacável, arguto, demolidor — resolveu aproveitar as supraditas orgias para o seu último filme. E, então, a pudibunda Itália, atingida no cerne da sua bela pureza, apressou-se a prometer açoites ao realizador de «A Estrada». Um espectador, ofendido, esbofeteou-o. O «Osservatore Romano» acusou-o de incrementar o pecado, o crime, o vício. E a Acção Católica — oportuna e vigilante, pugnando formosamente pelo decoro público, — solicitou das autoridades a proibição da película.

Nos feios tempos que decorrem, este bonito despertar de consciências ante o perigo da sem-vergonha comove-nos e sacode-nos. Inebria-nos. Consola-nos. É um luminoso e féerico irromper de lírios numa escura calçada preenchida, municipal e tristemente, a cinzentos paralelipípedos. Decerto, não se deve negar talento a Fellini. Nem juízo. Nem desassombro. Nem, talvez, boas intenções. Mas o deboche é sempre o deboche e um país cristão é sempre um país cristão. Portanto — parabéns ao esbofeteador, parabéns ao «Osservatore», parabéns à Acção Católica!...

Evidentemente, cremos que todas essas entidades — agora tão lépidas a desancar a sujíssima fita — já terão zurzido, por sua vez, os comparsas das tais reuniões obscenas que a inspiraram. Porque, a não ser assim, poderia pensar-se que a *origia-mamute* só fere a moral quando reconstituída no cinema...

EXCERTO DUMA CONVERSA TELEFÓNICA

— O quê? O teu Carnaval foi uma autêntica quarta-feira de Cinzas? Não digas isso, Felício...

— ...

— Não tinhas dinheiro? Mas há quatrocentos processos de a gente se divertir à farta e quase de graça... Pois não ouviste, na telefonia, a reportagem do Corso no Estoril? E a entrevista com Fernandel — o risonho, o contagiante Fernandel?

— ...

— Não ouviste? Claro, não sabes gozar... Ao menos, deves ter-te lembrado de ir até à janela, ver desfilar os petizes mascarados de Arlequim e as garotas de dama antiga...

— ...

— Também não foste? Palavra de honra? Que raio de homem... Com certeza, preferiste enfiar um nariz postiço e dar uma volta pelo prédio, a meter sustos às vizinhas...

— ...

— Não tens vinte e cinco tostões para comprar um nariz? Então que fazes do ordenado?

— ...

— Achas pouco mil e quinhentos escudos mensais?

— ...

— Achas muito três filhos? Não leste nos periódicos que há quem tenha quatro duma vez? Primeiro em Lisboa, depois em Sevilha...

— ...

— Ah, pois é. Nasceste na Murtinheira. Logo se vê. Um sujeito sem alegria de viver, sem chama, sem rasgo. E, sobretudo — sem imaginação. Uma pessoa, quando não tem dinheiro, vira-se de barriga para o ar e sonha, sonha, sonha! Por que não sonhaste tu? Com o Carnaval de Nice, o Casino de Las Vegas, a Gina Lollobrigida?

— ...

— Só tens pesadelos? E dívidas? Aí está — ainda tens alguma coisa, meu caro. Nada existe de tão perigoso como um cérebro desocupado, sempre à mercê de maus pensamentos que tentem infiltrar-se. Enfim, tu não és um Felício — és um felizardo! Imaginas lá o que eu pensei... Bailes, assaltos, a família na peugada, uma chatice. Para mais, na terça-feira, quando vinha duma bebedeira na casa dos Sepúlvedas, estampei o carro...

— ...

— Qual deles? O «Chevrolet», o grande...

Jorge Mendes Leal

Evocação no V Centenário Henriquino

Continuação da primeira página

activa, para as façanhas guerreiras, para as aventuras que exigiam denodo, pertinácia e sacrifício heróico, embora não deixando, zeloso da sua fé, de as atribuir a uma finalidade essencialmente religiosa e mística. Dizem-nos que, talvez por muito absorvido na contemplação da sua vida interior, não se afez às delícias feminis. E, vivendo o puritanismo consciente e fervoroso da sua crença religiosa, conservou-se solteiro toda a vida. Contudo, porque o seu pensamento cavalgava à desfilada sobre as quietudes mórbidas, não foi monge que jurasse castidade ou mártir da imagem triste que procurasse, como refrigério, a tristeza longa dos longos claustros, ou, em horas nocturnas, de luar meigo, a fonte chorosa com quem repartisse em lágrimas as suas mágoas, os seus desejos e as suas mortificações penitentes.

Adolescente ainda, aspirava, como os irmãos, às honras e às auras da cavalaria, sonhando e amando as virtudes pelas quais havia de receber galardão — daí lhe nascendo, certamente, o desejo de fazer guerra aos infiéis, que repudiavam a Fé, e a converter os pagãos, que a ignoravam.

E, assim, ele nos surge, primeiro, ligado à ideia da conquista de Ceuta; e, depois, como encarregado de organizar no Porto — a terra adorada do seu nascimento — a frota famosa que devia recolher a gente das hostes do Norte, que, dias adiante, com os navios do Sul — depois de sua mãe, D. Filipa de Lencastre, já no seu leito de morte, lhe entregar a espada com que deveria combater — partiriam do Restelo, na consecução da empresa organizada, sob o drapejar fulgurante dos pendões tricolores, que gritavam aos ventos a expressiva divisa do *Talent de bien faire* — a divisa dos ínclitos varões — para, prestes, o vermos, como nos contam, nesse dia histórico da batalha, cheio de energia e de audácia, a adiantar-se aos planos do combate, para entrar de roldão, triunfante, pela porta de Almira, à frente da sua gente, briosa e decidida. E o feito foi tão brilhante que, mesmo ali, em terras de África, na mesquita maior da cidade, sagrada em igreja, ele foi — e com ele os seus irmãos — armado cavaleiro por seu pai, o Rei, como prémio do seu valor e da sua heroicidade, da sua rijeza de braço e fortaleza de ânimo.

Era, desde então, homem independente, senhor dos seus actos, dos seus empreendimentos e realizações.

Aquietados das emoções, ordenados os termos da vitória, deu-se o regresso. E, mercê da apreciação serena dos acontecimentos, por ter sido quem mais serviços prestara à causa da dilatação da Fé e da Pátria — à luz dos testemunhos de quem o serviu — veio receber em terras do Algarve, na vila de Tavira, o título de Senhor da Covilhã, que acumulava ao de Duque de Viseu. E, em pouco tardar, em mais merecidas honras, era investido nas funções de governador e administrador da Ordem de Cristo, que tinha a sede, ao tempo, no castelo dos Templários, e se erguia no altaneiro morro de Tomar, na contemplação idílica do Nabão.

Daí por diante, cheio de fausto e prestígio, de posse de avultados rendimentos e dispondo das caravelas destinadas à vigília das terras de África, que haviam sido conquistadas e eram do nosso domínio, deu-se em mandar devassar o que havia, em terras e mar, pela costa ocidental desse continente. Eram os primeiros passos, o início da fremente atracção do desconhecido, o evento do palpitante desejo da aventura, a ordenar-lhe que se arriscasse a ir além, mesmo em rotas de incertezas para diante, onde a costa mudava de aspecto, mostrando-se parcelada, escarpada e deserta, expondo a naufrágios, que faziam acabar em drama angustioso o arrojo dos mais audazes.

Depois... a luta, a decisão por maiores intentos. E, daqui, o determinismo, psicológico e objectivo, da grande empresa dos descobrimentos, cujo orgulho da insatisfação era defendido «entendendo que fazia serviço a Nosso Senhor Deus e a nós», metendo-se, por isso, «a mandar navios a saber parte da terra que era além do Cabo Bojador, porque até então não havia ninguém na cristandade que dele soubesse» e tudo eram mistérios, pois não era sem motivo que se dizia que «Quem fosse ao Cabo Não, ou voltaria ou não».

Para se dedicar inteiramente a esse inspirado objectivo, recolhe-se, então, ao rochedo de Sagres, como a um refúgio de águia, para evitar sentir o bulício e o movimento da corte em volta de si. E ali, construindo a sua Terça Naval, rodeando-se de cosmógrafos a cartógrafos, dando largas à sua energia indómita, devassando a sabedoria dos livros e dos homens, substituindo-a pela lição positiva da experiência que, activa e porfiadamente, procurava, por meio dos seus navegadores e exploradores — ele desmentia, muitas vezes, o seu aspecto taciturno, como no-lo reproduzem as pinturas com o seu mongil roxo e o seu chapéu de Borgonha.

Éramos, nessa altura, perante a adiantada Europa de então, apesar de nos credenciarmos com bastantes e valorosos feitos e com auspiciosas qualidades de tenacidade, uma pequena nação, que começava, penosamente, a procurar expandir-se.

A inteligência do Infante dava-lhe a ideia exacta de um futuro submetido a fortes poderios estranhos se, na realidade, o Reino não procurasse dilatar-se. E, assim, com a unção espiritual da sua fé em Cristo, como guia dos seus propósitos, das suas bússulas e dos seus mandos, para inspirar crenças e sentimentos redentores, ei-lo desbravando as sendas espessas do Mistério e do Desconhecido, em direcção das terras e das ilhas adormecidas, em pesado sono, na nebulosidade dos grandes mares.

Era de entender que na perseverança dos intentos residia o grande Triunfo. E, nesse ciclo histórico das primeiras rotas, vai Nuno Tristão reconhecer o Cabo Branco; a seguir, o Cabo Verde. Lançarote e Soeiro da Costa avistam a embocadura do Senegal — lá longe, onde começa a Guiné. Logo após, é Pedro de Sintra a descobrir e a dominar a brava Serra Leoa, por cujo caminho vai João de Santarém alcançar S. Jorge da Mina.

E, assim, o mapa-mundi de Cantino — que o erudito Giuseppe Boni, vagueando certa manhã pelas ruas de Modena, ao passar pela via Forini, descobrira a servir de anteparo na loja escura do salsicheiro Giusti — pôde mostrar-se com copiosa nomenclatura expressiva — de cruzes de Cristo e bandeiras das quinas — a registar os locais das façanhas cometidas pelos portugueses no litoral da África Ocidental.

Foi por aqui, nas restingas e nos baixios insidiosos da costa negra, através das calmarias adustas dos céus tropicais ou sob o açoute das rajadas dos violentos bulcões que varriam as trevas dos seus horizontes, a vencer obstáculos e a conjurar perigos, que os nossos marinheiros aprenderam a ser os homens destemidos das navegações. E, com eles, se dava auspicioso início à era dos Descobrimentos!

Regista-se então a primeira arrancada destemida e gloriosa, com Gil Eanes a dobrar o Cabo Bojador, dando cumprimento à corajosa pro-

Conclui na página 7

DESPORTOS

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

CULTURISMO PURO

Alguns princípios básicos

POR JOSÉ GIL DA SILVA

VOU hoje ocupar-me de um capítulo de bastante interesse, especialmente para aqueles que têm seguido estas breves considerações sobre Culturismo.

Trata-se do Culturismo puro, ou pròpriamente dito — modalidade pouco conhecida entre nós, e infelizmente, pois que, aliada a uma vida regrada e sã e a uma alimentação adequada, oferece ao praticante inúmeros benefícios de ordem física.

O culturista puro, que se dedica exclusivamente a esta prática, deve treinar em dias certos da semana. Deve, além disso, elaborar prèviamente um esquema de treino para todas as partes do corpo. Quanto à duração do treino, esta varia consoante o grau de preparação a que o indivíduo se encontra e de acordo com as suas possibilidades e constituição físicas.

A melhor parte do dia para o treino com pesos é a tarde (do meio da tarde em diante), ou, então, a noite, antes de deitar. Por que não treinar de manhã? E' simples a resposta: ao acordarmos, o corpo está ainda em repouso, e as funções orgânicas, adormecidas ainda, não se encontram no momento ideal para o fim em vista. No nosso caso, concretamente, acresce a esta razão a que deriva da actividade profissional — quotidiana e matutina. E' bom não esquecer que, depois de um treino, mais ou menos violento, o corpo necessita, naturalmente, de largo repouso. Claro que quem tiver possibilidades e treinar de manhã obterá idênticos resultados. Mas quantos são aqueles que têm uma situação na vida que lhes permita dispor de uma manhã, sem que dela necessitem, ou sem prejuízo para a sua actividade profissional?

Quanto ao sistema dos treinos, o mais aconselhável é realizá-los dia sim dia não,

Continua na página 5

ANDEBOL DE 7

No curto espaço de uma semana, a Associação de Andebol de Aveiro convocou os seus filiados para uma reunião, elaborou um sorteio especial e fez disputar um torneio de apuramento dos seus representantes no Campeonato Nacional, a que deviam concorrer os dois primeiros classificados do Campeonato Regional.

Tudo isto porque era *urgente* a indicação do nome dos qualificados e porque... se passaram em branco, sem qualquer sinal de vida claramente vivida, meses e meses, desaproveitados por falta de iniciativa e por errado critério dos dirigentes associativos.

Assim, apanhados de surpresa, improvisando os seus *teams* à própria hora dos jogos, os grupos — sobretudo os aveirenses — apresentaram-se mal preparados, sem treino conveniente (ou sem ele...), não podendo, lògicamente, render o seu melhor.

Já depois de efectuadas as partidas correspondentes à primeira eliminatória, e contrariando o que expressamente os delegados dos clubes concorrentes tinham resolvido quanto à possibilidade de empate em golos no termo dos respectivos jogos, a Associação, num comunicado surpreendente, informou que, no caso de igualdade numérica, teria de se efectuar um jogo de desempate, em campo neutro, em vez do previsto e acordado prolongamento do encontro da segunda mão. Tal procedimento não nos parece estar certo, e, por isso, daqui o censuramos.

Quanto aos jogos em si, diremos que a Académica eliminou o Beira-Mar (11-11, em Aveiro, e 13 11, em Coimbra), e que o Galitos eliminou o Atlético Vareiro (14-9, em Aveiro, e 15 12, em Ovar), ficando, deste modo, apurados para o Nacional.

Sobre o merecimento das qualificações, afigura-se-nos que a sorte apenas teve influência no embate entre beiramarenses e escolares, já que os amarelo-negros tiveram o apuramento ao seu alcance, mesmo na parte derradeira do encontro de Coimbra. Mas a Académica não nos representará mal, e a sua *perfomance* pode muito bem servir de estímulo e de propaganda, absolutamente necessária, da modalidade. O Galitos foi lògicamente apurado, já que evidenciou um notável poder atacante, e, com ele, conseguiu levar vantagem sobre o melhor apuro técnico do seu par. Incluimos, a seguir breves notas sobre os quatro jogos da competição:

BEIRA-MAR, 11 — ACADÉMICA, 11

Em Aveiro, na penúltima quinta-feira, com o Rinque do Parque quase cheio, arbitrou Armindo Teto e os grupos apresentaram:

BEIRA-MAR — Loureiro, Oliveira, Luís Maria, Fernando, Agostinho 4, Cerqueira 4 e Gamelas, 3. Supls. — David e Olinto.

ACADÉMICA — Lamoso (Jaime), Saraiva, Magro 1, Condado, Ramiro 1, Barros 6 e Eurico 2. Supl. — Julião 1.

A partida foi interessante, e, após um primeiro tempo equilibrado (4-3), o Beira-Mar ganhou boa margem, chegando a 8-3. Sem o necessário fundo físico, contudo, os beiramarenses não puderam aguentar a reacção dos estudantes que, com Jaime na baliza (3 7), operaram uma recuperação sensacional, aproveitando da melhor forma um ligeiro desentendimento no plano defensivo dos aveirenses, e animando extraordinàriamente a fase final da partida.

Continua na página 5

BASQUETEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

SANJOANENSE, 31
GALITOS, 34

No Pavilhão dos Desportos de S. João da Madeira, efectuou-se — como referimos já — este importante encontro, que, por acordo, fora adiado. Na falta de juízes de jogo oficialmente nomeados, tiveram que desempenhar as funções respectivas, tanto como árbitros como na mesa, *voluntários* escolhidos entre os espectadores.

Arbitrou o antigo orientador da Sanjoanense Joaquim Lagoa, auxiliado por outro assistente, cujo nome não conseguimos averiguar, e os grupos apresentaram:

SANJOANENSE — 12 cestos e 7 lances livres tranformados em 14 tentados (50%) — Tavares. 4, R wett 8, Palmares, Abreu 12. Edmundo 7, Lino, Américo Cunha e Fontes.

GALITOS — 12 cestas e 10 lances lives transformados em 17 tentados (58.82%) — Albertino 1, José Fino 14. Artur Fino 12, Arlindo 2 e José Luís Pinho 5.

O desafio foi bastante nivelado, mas o Galtos acabou por vencer com justiça, ainda que com muita dificuldade.

Ao intervalo, os campeões regionais triunfavam por 17-15.

FLUVIAL, 56
ESGUEIRA, 40

A repetição deste encontro, que não se completou na data própria devido ao mau tempo, foi marcada para anteontem. No próximo número, incluiremos o costumado comentário estatístico e crítico do jogo, que terminou com o resultado que indicamos.

★ **A próxima jornada** — Interrompido, na semana finda, em virtude dos festejos carnavalescos, o torneio prossegue, hoje e amanhã, com a efectivação dos seguintes encontros:

Leça-Esgueira, Sporting Figueirense-Salesianos e Sport-Fluvial, na *Subsérie A-1;* e Sanjoanense-Guifões, Olivais-Educação Física e Galitos-Boavista, na *Subsérie A-2*.

JUNIORES & INFANTIS

★ Em juniores, a contar para a segunda jornada da prova, apuraram-se os seguintes desfechos:

GALITOS, 36-ANCAS, 15; e

Continua na página 5

CICLISMO

II Prova de Preparação

Nas provas realizadas no domingo passado, sob organização da Associação de Ciclismo de Aveiro, apuraram-se os resultados que em seguida indicamos, dentro das respectivas categorias. Desta vez, com saída e chegada em Sangalhos, os ciclistas percorreram a região de Coimbra, e as zonas do Luso e Caramulo.

Iniciados — *Percurso de 101 Km. — 1.º Fernando Cerveira, 3 h. 9 m. 15 s.; 2.º — Fernando Simões, 3h. 19m. 30s.; 3.º — Joaquim Marreco, 3h. 20m. 45s. — todos de Oliveira do Bairro; 4.º — Fernando Santos (Sangalhos) 3 h. 42 m. 30 s..*

O vendedor fez a média de 32 022 Km./h.. Desistiram dois concorrentes.

Amadores - Juniores — *Percurso de 137 Km. — 1.º — Antero Elias, 4 h. 18 m. 25 s.; 2.º — Lino Santiago, 4 h. 22 m. 30 s.: 3.º — António Ferreira, m. t. — todos do Sangalhos; 4.º — Manuel Conceição (Oliveira do Bairro), m. t.; 5.º — Laurentino Mendes (Ovarense), 4 h. 23 m. 15 s.; 6.º — Américo Castanheira (Sangalhos), 4 h. 26 m. 15 s.; 7.º — Amâncio Sousa e Silva, 4 h. 32 m. 40 s.; 8.º — António Oliveira, 4 h. 34 m.; 9.º — João Gomes, 4 h. 40 m. 5 s. — todos da Ovarense; 10.º — Armando Jesus Pinto (Sangalhos), 4 h. 46 m. 40 s.; 11.º — António Gomes (Ovarense), m. t.; 12.º — Júlio Carvalheiro, m. t.; 13.º — Carlos Alberto, m. t.; 14.º — António Bastos Leite, m. t. — todos do Sangalhos.*

A média do vencedor foi 31,809 Km./h., tendo desistido quatro ciclistas.

Independentes — *Percurso de 177 Km. — 1.º — Alves Barbosa, 5 h. 28 m.; 2.º — Aquiles dos Santos, 5 h. 33 m.; 3.º — Fernando Henriques da Silva, 5 h. 37 m. 30 s. — todos do Sangalhos.*

Desistiram dois estradistas dos cinco que iniciaram a prova, em que faltaram alguns dos consagrados. A média do triunfador cifrou-se em 32,376 Km./h..

VOLEIBOL INTERNACIONAL

FORAM, finalmente, designadas em definitivo as datas dos encontros que o Sporting de Espinho, campeão de Portugal, e o Club Amical e Sportif B. N. C. I. A. de Alger, campeão da França, têm de realizar a contar para a primeira eliminatória da TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS. Um dos aludidos jogos realizou-se ontem, no excelente Pavilhão de Desportos de S. João da Madeira, e o outro efectua-se no próximo dia 14, no Foyer Civique, de Alger.

A escolha do magnífico recinto da Sanjoanense para a efectivação do primeiro encontro foi muito acertada, já que permitiu uma maior afluência de público e serviu de excelente propaganda desta espectacular modalidade.

Aliás, o programa era aliciante, pois comportava ainda, em desafio complementar, um encontro entre as equipas femininas do Leixões e do Sporting de Espinho.

O jogo principal foi arbitrado pelo belga Anthony Debeve, auxiliado pelo português Craveiro Lopes. A ele nos referiremos na próxima semana.

Na gravura — A equipa do Sporting de Espinho, a quem cabe a honra de representar Portugal

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão

Ao atingir-se o termo da primeira volta, e enquanto que, surpreendemente, a Ovarense se queda pela última posição, os restantes componentes da representação aveirense encontram-se excelentemente colocados em vista à qualificação para a fase imediata. Confie-se e aguarde-se...

No domingo, em que o Feirense e o Avintes ganharam «fora», é de assinalar também o empate imposto pelo Pejão em Arrifano.

Resultados gerais: *Arrifanense, 1-Pe-*

Continua na página 5

Xadrez de Notícias

Adriano Robalo, que se lesionou no decorrer do último jogo Galitos-Olivais, vai estar impossibilitado de oferecer o seu concurso à equipa alvi-rubra durante certo período. A falta do jovem e valoroso internacional é baixa de tomo, que será compensada com o regresso de outros titulares, igualmente afastados, recentemente, por motivo de saúde.

Ao que julgamos saber, o guarda-redes Sidónio, suplente de Violas no grupo principal de futebol do Beira-Mar, vai passar a representar também esta Colectividade em Andebol de Sete.

Por acordo, foi de novo adiado no penúltimo domingo, o desafio de reservas entre a Oliveirense e o Beira-Mar. Na Vila da Feira, a contar para o aludido torneio regional, o Feirense derrotou a Sanjoanense por 5 0, numa outra partida que se encontrava em atraso.

A Sociedade Columbófila de Aveiro inicia no próximo domingo a sua época de concursos, depois de ter rea-

Continua na página 5

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — MOURA. Domingo — CENTRAL. Segunda-feira — MODERNA. Terça-feira — ALA. Quarta-feira — MORAIS CALADO. Quinta-feira — AVEIRENSE. Sexta-feira — SAÚDE.

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 27 de Fevereiro, vindo de Dacar, com 205 toneladas de atum congelado, entrou a barra o navio-motor «Rio Vouga».

Início das Comemorações Henriquinas e Dia da Marinha

A fim de, em Aveiro, tomar parte no início das Comemorações Henriquinas e do Dia da Marinha, entrou a barra, cerca das 16 horas de anteontem, a lancha de fiscalização da pesca «Corvina», que atracou no Cais das Pirâmides, junto da Lota.

O comandante do navio, sr. Capitão-tenente Alberto Monteiro de Sousa Campos, efectuou, ao fim da tarde, visitas de cortesia aos srs. Governador Civil, Presidente da Câmara e Comandante Militar de Aveiro.

Pela Direcção Escolar

Realizam-se, no corrente mês de Março, exames de adultos, em prazo normal (2.º período), sem pagamento de selo de propina nem quaisquer outras despesas.

Os documentos dos interessados devem dar entrada na Direcção Escolar até o dia 10 de Março, iniciando-se os exames no dia 25.

Igualmente se efectuam exames em prazo normal (3.º período), no mês de Junho, com início em 17, devendo os documentos ser entregues até o dia 5 do mesmo mês.

Continuam a efectuar-se, em todos os restantes meses, exames fora do prazo normal, com o pagamento do selo de propina de 100$00 e sujeito às despesas com os júris, a iniciar em 25 de Abril, 24 de Maio e 25 de Julho, respectivamente, devendo os documentos dar entrada na Direcção Escolar até o dia 15 de cada um desses meses, impreterivelmente.

Em qualquer dos prazos, também os documentos podem ser entregues nas *Delegações Escolares dos concelhos* até a véspera dos dias fixados.

«Deusa da Arena»

Chegou ao nosso conhecimento, em recente correspondência de Los Angeles, que irá ser posto à venda, brevemente, nos Estados Unidos, o livro «Deusa da Arena» (*Goddess of the Bullring*), da autoria de Lola Verrill Cintron, prefaciado pelo famoso escritor tauromáquico Barnaby Conrad.

Trata-se de uma biografia da grande matadora de touros D. Conchita Cintron, que, de há anos, reside em Aveiro, escrita por sua mãe, que actualmente vive em Hollywood.

O livro, que promete ser um grande êxito, será também publicado na Inglaterra, no Canadá, na Alemanha e na Itália.

O MINISTRO DAS CORPORAÇÕES presidiu, em Aveiro, à cerimónia da assinatura do Contrato Colectivo de Trabalho para a Indústria de Lacticínios

Deslocou-se a Aveiro, no sábado passado, o sr. Dr. Henrique Veiga de Macedo, Ministro das Corporações e Previdência Social, que nesta cidade presidiu à cerimónia da assinatura do Contrato Colectivo de Trabalho para a Indústria de Lacticínios.

Aquele membro do Governo era aguardado, na estação dos caminhos de ferro, pelos srs. Dr. Jaime Ferreira da Silva, Governador Civil do Distrito, Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Dr. Jorge da Fonseca Jorge, Delegado do I. N. T. P., e seus adjuntos; além de representantes de diversos organismos corporativos e outras entidades oficiais.

Depois de um almoço íntimo, em que brindaram o Chefe do Distrito e o sr. Ministro das Corporações, realizou-se, pelas 15 horas, na sede da Delegação em Aveiro do I. N. T. P., uma sessão solene, durante a qual se procedeu à assinatura do contrato.

Presentes, além das individualidades já mencionadas, as diversas autoridades civis, militares, judiciais e religiosas aveirenses.

Após a assinatura do Contrato Colectivo e sua homologação pelo sr. Ministro das Corporações, usaram da palavra os srs. Dr. Jorge da Fonseca Jorge, Manuel Tavares Nogueira, Presidente do Sindicato dos Lacticínios, José Ferreira da Costa Mortágua, Presidente do Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros, e Eng.º Aronha Furtado de Mendonça, Presidente do Grémio dos Industriais de Lacticínios, que, unânimente, saudaram o sr. Dr. Veiga de Macedo e salientaram a importância e os benefícios da convenção que se acabara de firmar, relevando também as vantagens que do sistema corporativo têm advindo para as classes trabalhadoras.

Por fim, o titular da pasta das Corporações congratulou-se pela assinatura do Contrato Colectivo, que considerou um acto da mais elementar justiça na defesa dos interesses de uma classe tão importante como é a que se ocupa e vive da progressiva indústria dos lacticínios. E, a concluir, evidenciou o seu regozijo pelo perfeito entendimento a que, neste caso, chegaram as partes interessadas, pois, deste modo permite-se que a política corporativa do Governo prossiga no caminho dos objectivos que a norteiam e a justificam.

Acompanhado pelo sr. Delegado do I. N. T. P. e por outras entidades, o sr. Dr Veiga de Macedo, antes de regressar a Lisboa, deslocou-se a vários pontos da região da Ria, nomeadamente à Torreira e a S. Jacinto, onde visitou diversos terrenos destinados a obras sociais e, possivelmente, a uma nova Colónia de Férias da F. N. A. T..

cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje, dia 5 — As sr.as D. Mécia Alice Robalo de Almeida, esposa do sr. Mariano Marques de Almeida, prof.ª D. Mariana Filomena Borges de Sousa; e D. Maria Luísa de Resende Gonçalves Andias, filha do sr. Francisco Gonçalves Andias; e os srs. João Pires Metelo Leitão e António José Robalo de Almeida, funcionário judicial.

Em 6 — Os srs. José Ferreira da Costa Mortágua e Ernesto Gomes Vieira, filho do sr. Ernesto Rodrigues Vieira; a menina Maria Manuel, filha do sr. Dr. Manuel Simões Julião; e os meninos Vitor Manuel de Almeida Marcos, filho do sr. José de Almeida Marcos e Ricardo Jorge Rodrigues Lopes Nogueira, filho do sr. Fausto Lopes Nogueira, residente no Funchal.

Em 7 — O Rev.º P.e João Vieira Resende; os srs. D. José Maria de Lemos Manoel (Atalaya) e Luís José Robalo de Almeida, filho do sr. Mariano Marques de Almeida e a menina Aurora Fernanda Gomes Lopes, residente no Porto.

Em 8 — Os srs. Dr. Álvaro José Seiça Neves, Manuel dos Santos Ferreira e João da Naia Sardo; e os meninos Manuel António Salgueiro Lopes, filho do sr. Comandante Manuel Branco Lopes, e José Soares de Pinho, filho do sr. José da Naia e Pinho.

Em 9 — A sr.ª D. Maria da Luz Salomé Domingues, residente em Lourenço Marques; e os srs. Antero Simões Veiga, Jaime Costa, Manuel de Matos, ausente na Beira (Moçambique), e Domingos Manuel de Jesus Paulino Marques, residente em Lourenço Marques.

Em 10 — As sr.as prof.ª D. Maria Augusta Teixeira Simões, esposa de sr. António Maria Ferreira Santiago, D. Maria Manuela Lé Rangel, esposa do sr. Aristides Tavares Ferreira e D. Maria Irene de Almeida, de Estarreja; o sr. Carlos Júlio Duarte de Matos; as meninas Maria Clementina Rodrigues da Paula e Maria Valentina Mota Lima, residente em Luanda; e os meninos Plinio José da Silva Apresentação, filho do sr. José da Silva Apresentação, e Júlio Henriques de Carvalho, filho do sr Anntónio Henriques de Carvalho.

Em 11 — Os srs. José da Cruz e Sousa e Eloi de Oliveira Gomes; e as meninas Júlia Maria, filha do sr. Dr. Manuel Dias da Costa Condel, e Maria Susette e Maria do Céu, filhas do sr. Fernando de Matos.

VIMOS EM AVEIRO

Com sua esposa e filho, esteve em Aveiro na Terça-feira Gorda o ilustre Reitor do Liceu de Leiria, sr. Dr. Amílcar Patrício, que durante vários anos, leccionou proficientemente no nosso Liceu.

DOENTES

★ Fracturou uma perna, devido a uma queda na sua residência, a simpática velhinha mãe do nosso colaborador Eduardo Cerqueira, farmacêutica sr.ª D. Elvira Ala dos Reis.

★ Não tem passado bem de saúde, e terá de sujeitar-se a uma intervenção cirúrgica, o Director da «Revista Portuguesa», sr. Visconde do Porto da Cruz, que se encontra em Aveiro, depois de uma larga permanência em Angola.

Aos enfermos desejamos pronto e completo restabelecimento

PEDIDO DE CASAMENTO

No passado domingo, pela sr.ª D. Maria das Dorês Martins Leal, foi pedida em casamento para seu irmão, sr. Humberto Martins Leal, filho dos saudosos D. Júlia Rosa Leal e Alfredo Martins Leal, a menina Maria Tereso Vieira da Cruz, filha da sr.ª D. Isilda Vieira e do sr. António Ferreira da Cruz.

O enlace realiza-se brevemente.

CASAMENTO

No passado domingo, na paroquial da Vera-Cruz, realizou-se o casamento da sr.ª D. Lourdes da Silva Almeida, filha da sr.ª D. Ana Rosa da Silva e do sr. António Osório de Almeida, com o sr. José Mendes Macedo Loureiro, filho da sr.ª D. Natalina Mendes Macedo Loureiro e do escrivão de Direito sr. Joaquim Mendes Macedo de Loureiro.

Presidiu o Rev.º Padre Manuel António Fernandes, pároco da Vera-Cruz, e serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Francisca Maria Rofoto Quinta Queimada Loureiro e o sr. Dr. José António de Oliveira, médico em Cadima (Cantanhede); e, pelo noivo, a sr.ª D. Maria da Saudade Pessoa de Oliveira e o sr. Dr. António Ricardo de Melo Loureiro, médico em Beja.

Ao novo lar, deseja o Litoral as maiores felicidades

DESPEDIDA

Teve a gentileza, que agradecemos, de vir à nossa Redacção apresentar cumprimentos de despedida o nosso conterrâneo sr. Leonel Rodrigues da Paula que no domingo, a bordo do «Moçambique», segue de Lisboa para Lourenço Marques, depois de uns meses de férias em Aveiro.

Na impossibilidade de se despedir pessoalmente de todos os seus amigos, o sr. Leonel Rodrigues da Paula vem fazê-lo por nosso intermédio, oferecendo os seus préstimos em Ambane (África Oriental Portuguesa), onde se encontra como funcionário de justiça.

Culturismo Puro

isto é: um máximo de três vezes por semana.

Ao elaborar o seu esquema de treino, o culturista tem de ter em mente que esse esquema deve acompanhá-lo durante o treino, visando uma boa execução dos exercícios e, muito especialmente, uma íntima colaboração entre o cérebro e o músculo, ou seja, uma maior concentração. Este segundo aspecto é de primordial importância. Além disso, deve-se aquecer prèviamente o corpo e activar e preparar aquelas regiões que vão ser submetidas ao treino. De preferência, começar-se-á o treino pelas pernas, em seguida a região peitoral, os ombros, braços, e regiões dorsais e abdominais. Devemos acentuar, a concluir, que, para cada uma destas zonas, há uma variedade de exercícios, cuja enumeração e explicação nos não propomos, aliás, levar a cabo.

José Gil da Silva

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA PÁGINA TRÊS

Xadrez de Notícias

lizado os treinos de Oliveira do Bairro, Mogofores, Coimbra e Pombal. Está marcado o Concurso de Setil, na distância de 170 km..

Prossegue, no domingo, a realização dos jogos em atrazo do Campeonato de reservas, em futebol. 'As 13 horas, defrontam-se, em Aveiro, o Beira-Mar e o Recreio de A'gueda (antes do desafio com o Vianense); e, em Espinho, jogam Espinho e Sanjoanense.

Acaba de nos ser comunicado que a recente Assembleia Geral do prestigioso Clube dos Galitos aprovou, «por aclamação, um voto de agradecimento» ao Litoral, *«considerando a valiosa colaboração» nestas colunas dispensada à conhecida Colectividade.*

Gratos pela deferência.

Em comunicado recente, a Associação de Futebol de Aveiro chama a atenção das seus filiados para as medidas dos respectivos campos de jogos, pois, a partir da época de 1961-1962, as provas oficiais de futebol terão de se realizar em rectângulos com os mínimos de 100×64 metros.

No Domingo Gordo, pela manhã, o grupo principal do Beira-Mar derrotou por 9-0 a turma do Estarreja, num desafio-treino de futebol realizado no Campo de S. Gonçalo.

Deixou a orientação dos andebolistas do Beira-Mar, que já não dirigiu, nos recentes jogos com a Académica, o nosso apreciado colaborador competente técnico Joaquim Duarte.

Voltando a perder diante do Vitória de Guimarães (0-3), Sporting (2-7) e Benfica (0-5), a Sanjoanense, o Sporting de Espinho e a Oliveirense ficaram eliminados na Taça de Portugal — onde, desta maneira, não resta qualquer representante aveirense.

O Beira-Mar vai inscrever, na respectiva Associação, a sua equipa de juniores de Andebol de Sete, em vista à disputa do Campeonato Distrital da categoria mencionado.

O hoquista Pratas Goes, que na época finda representou a Académica, deve este ano regressar ao Clube dos Galitos, dado que se encontra em Aveiro a exercer a sua actividade profissional.

Sob direcção do conhecido desportista José Sucena Pinto, começou a publicar-se, mensalmente, o Boletim da Associação Portuguesa da Classe Internacional Moth, *de que nos foi enviado o número relativo a Fevereiro corrente, que agradecemos.*

Andebol de 7

GALITOS, 14 — ATLÉTICO VAREIRO, 9

Em Aveiro, na última sexta-feira, com o Rinque do Parque pouco concorrido e sob direcção de Albano Pinto, as equipas apresentaram:

GALITOS — Gonçalo, António Charneira, Boia, Pauseiro 3. Fonseca, Robalo 4 e Valente 6. Supls. — Augusto Charneira e Necas 1.

ATLÉTICO VAREIRO — Alberto, Gomes Neves, Freire, Serafim 2, Arala Chaves 1. Mário Vasco 1 e Notário 5. Supl. — Borges.

O keeper dos ovarenses comprometeu o esforço dos seus companheiros, concedendo diversos «frangos» em momentos que podiam ser decisivos. O Galitos encontrou em Valente o «homem da noite», e a facilidade e potência do seu remate vieram a decidir a contenda, que decorreu com interesse.

Ao intervalo, o Galitos vencia por 6-5, depois de ter um avanço de 5-1. Na segunda metade, os alvi-rubros responderam com dois golos a cada tento da equipa azul...

ACADÉMICA, 13 — BEIRA-MAR, 11

Em Coimbra, na tarde de sábado, com o Campo de Santa Cruz bastante cheio, arbitrou Albano Pinto e os conjuntos formaram:

ACADÉMICA — Jaime, Julião 1, Magro 2, Cohdado 2, Ramiro 3, Barros 5 e Eurico.

BEIRA-MAR — Loureiro (Barros), Olveira 1, Luís Maria, Fernando 3, Agostinho 5, Cerqueira 2 e Gamelas. Supls. — Instrumento e Rodrigues.

O encontro revestiu-se de permanente agrado, tanto pelo equilíbrio dos contendores como pelas dúvidas que sempre houve a respeito do resultado. Na verdade, e com vantagem alternada, os números estiveram em constante mutação.

O Beira-Mar, ao intervalo, ganhava por 6-5, e, no segundo tempo comandou sempre, cedendo empates a 8, 9 e 10 golos. Atingiram ainda 11-10 os amarelo-negros; mas, então, Loureiro lesionou-se e foi substituído. Nas balizas, Barros fez por cumprir, mas o destreino e o azar conspiraram contra si, permitindo que a Académica passasse de 10-11 para 12-11 nos dois primeiros remates que fez... Jogavam-se os derradeiros minutos do encontro e o Beira-Mar ficou abalado quando viu a vitória a fugir-lhe, não vendo coroada de êxito a reacção que esboçou...

ATLÉTICO VAREIRO, 12 — GALITOS, 15

Em Ovar, na manhã de domingo, sob a direcção de Armindo Teto, as equipas alinharam assim:

ATLÉTICO VAREIRO — Alberto, Gomes Neves 3. Freire, Serafim 1, Arala Chaves, Mário Vasco e Notário 3. Supls. — Zeferino 5 e Borges.

GALITOS — Gonçalo (Correia), António Charneira, Boia 2, Pauseiro, Necas 1, Robalo 1 e Valente 10. Supls. — Arlindo 1 e Diamantino.

Jogou-se bom andebol, apesar do terreno não se apresentar nas melhores condições. O equilíbrio caracterizou a contenda, de começo a final, e as equipas, ao intervalo, estavam igualadas a 7 tentos.

Ao cabo e ao resto, o grupo aveirense averbou um triunfo justíssimo, em que, uma vez mais, Valente teve acção decisiva.

★

A concluir, uma palavra sobre os árbitros.

Armindo Teto apresentou-se melhor que Albano Pinto. Este último, sobretudo em Coimbra, não esteve nada bem...

FUTEBOL

jão, 1; Leça, 1-Feirense, 2; Ovarense, 2-Avintes, 3; Académico, 2-Varzim, 1

Na terça-feira, no jogo em atraso, em Pedorido, apurou-se este desfecho: *Pejão, s1 Leça, 1.* E, assim, a tabela ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense	7	4	1	2	19-12	9
Avintes	7	3	3	1	17-15	9
Pejão	7	2	4	1	12-9	8
Arrifanense	7	3	2	2	9-11	8
Varzim	7	3	1	3	13-13	7
Académico	7	2	3	2	10-10	7
Leça	7	2	2	3	10-10	6
Ovarense	7	1	—	6	5-16	2

Jogos para hamanhã

Pejão-Feirense (2-2), Leça-Avintes (2-4), Ovarense-Varzim (0-2) e Arrifanense-Académico (0-2).

JUNIORES

★ Em Oliveira de Azeméis, no domingo, efectuou-se a partida Oliveirense-Ovarense, que, por acordo entre os referidos clubes, não se realizara na data própria.

O jogo, de muito interesse para a turma vareira — a quem a vitória conferia o direito ao ingresso na fase final terminou, precisamente, com o resultado de que os ovarenses necessitavam: 1-0. Sem que, com o presente comentário, pretendamos pôr em dúvida o brio dos oliveirenses, o facto é que não nos pareceu certo o adiamento da partida agora efectuada para depois da realização de todos os outros desafios do torneio, já que, no pretérito domingo, se conheciam as posições definitivas de todas as outras equipas e o encontro se prestava a que um terceiro fosse prejudicado.

Aqui fica exarado um reparo — na certeza de que, de futuro, a Associação de Futebol de Aveiro saberá acautelar, devidamente, os interesses de todos os seus filiados.

★ No sábado, efectuou-se o sorteio dos jogos da fase final do torneio, ficando elaborado o seguinte calendário:

1.º dia — Espinho-Sanjoanense e Ovarense-Recreio. *2.º dia* — Sanjoanense-Ovarense e Recreio Espinho. *3.º dia* — Recreio-Sanjoanense e Ovarense-Espinho.

A prova começa já no próximo domingo, e serve para apuramento da representação aveirense no Campeonato Nacional.

II Divisão Regional

O Campeonato Distrital da II Divisão, em que participam quatro clubes, vai começar no próximo dia 13.

O calendário dos jogos ficou assim estabelecido:

1.º dia — Esmoriz-Estarreja e Lamas-Alba. *2.º dia* — Estarreja-Lamas e Alba-Esmoriz. *3.º dia* — Alba-Estarreja e Lamas-Esmoriz

Jogos da II Divisão

para domingo

Em Espinho
ESPINHO-SANJOANEN. (2-5)

Em Peniche
PENICHE-ACADÉMICO (1-1)

Na Marinha Grande
MARINHENSE-CHAVES (0-1)

Em Coimbra
UNIÃO-TORREENSE (1-3)

Em Vila Real
VILA-REAL - CALDAS (1-1)

Em Aveiro
BEIRA-MAR - VIANENSE (0-4)

Em Oliveira de Azeméis
OLIVEIRENSE-SALGUEIROS (1-3)

Basquetebol

ESGUEIRA, 19-SANGALHOS, 19.

A prova prossegue, com os desafios *Esgueira-Galitos* e *Ancas-Sangalhos.*

★ Na prova de infantis, o desafio da jornada realizou-se em Ílhavo, terminando com os seguintes números: ILLIABUM, 6-GALITOS, 15.

A seguir, jogam *Sangalhos-Galitos.*

FALECERAM

No dia 28 de Fevereiro findo, na freguesia da Vera-Cruz, o antigo cabo-de-ordens sr. Manuel de Melo Albino. Deixa viúva a sr.ª D. Rosa da Graça Albino e era pai da sr.ª D. Maria da Luz Graça Albino e dos srs. António de Almeida Lemos e Manuel da Graça Albino.

No dia 29, na freguesia da Glória, o conhecido agricultor sr. João Evangelista Vieira da Silva, casado com a sr. D. Maria Vieira Borralho. O saudoso extinto era pai da sr.ª prof.ª D. Maria da Soledade Rodrigues da Silva Vieira e sogro do sr. prof. João da Cruz Maio Capela.

Fernando da Rocha Pereira

Com 59 anos de idade, faleceu, no dia 29, o sr. Fernando da Rocha Pereira, Chefe da Secção Central do Tribunal Judicial de Leiria.

O sr. Rocha Pereira, que durante vários anos chefiou, com muito zelo e competência, numa das secções de processos do Tribunal Judicial de Aveiro, a todos se impondo pelo seu aprumo moral e lhaneza de trato, deveria vir chefiar, em breve, a Secção Central desta Comarca.

O saudoso extinto deixa viúva a sr.ª D. Alda da Silva Gonçalves da Rocha Pereira, e era pai da sr.ª D. Maria Fernanda da Rocha Pereira Aleluia, esposa do sr. Eng.º João Carlos Fernandes Aleluia, e da sr.ª D. Maria Clotilde da Rocha Pereira Castelo da Silva, esposa do Capitão Abílio Eurico Castelo da Silva, nosso prezado colaborador.

A's famílias enlutadas e, particularmente ao Capitão Castelo da Silva, os pêsames do Litoral

Agradecimento

A família de Balbina do Nascimento vem, por este meio, testemunhar o seu perene reconhecimento a todas as pessoas que a acompanharam à última morada e a quem, por deficiência de endereço, não pôde directamente agradecer.

Aveiro, 23 de Fevereiro de 1960

AGRADECIMENTO

Maria da Conceição Henriques Ramires

Seu marido, filhos e mais família, vêm, reconhecidamente, agradecer a todas as pessoas que, de qualquer modo se associaram à sua dor.

Igualmente, podendo haver alguma falta, aliás involuntária, vêm por este meio repará-la, confessando a todos a sua profunda gratidão.

MISSAS DE SUFRÁGIO

Valentim Rodrigues Samuel

Na paroquial da Vera-Cruz, realiza-se amanhã, domingo, pelas 11 horas, uma missa de sufrágio por alma do inditoso Valentim Rodrigues Samuel, para a qual, por este meio, se convidam a assistir todas as pessoas amigas do saudoso extinto.

Fernando da Rocha Pereira

Na segunda-feira, às 8.30 horas, realiza-se, na paroquial da Vera-Cruz, missa de 7.º dia, mandada celebrar pela família do saudoso Fernando da Rocha Pereira.

Secretaria Judicial

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª publicação

No dia 18 de Março próximo, pelas 14 horas, num prédio sito no Largo das Cinco Bicas, desta cidade, na acção sumária, em execução de sentença, em que é exequente Joaquim da Costa, casado, industrial, residente em Padrão, Lordelo, Comarca de Paredes, e executados Manuel de Macedo e esposa Maria da Purificação Moreira, ele comerciante e ela doméstica, residentes na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 35, desta cidade, que corre seus termos pela Primeira Secção do Primeiro Juízo, hão-de ser postos em praça, para se arrematarem ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, diversas mobílias e passadeiras, que se encontram em poder da depositária Cecília de Miranda Meireles, casada, comerciante, do Largo das Cinco Bicas, Aveiro.

Aveiro, 22 de Fevereiro de 1960

O Juiz de Direito,

Francisco Mendes Barata dos Santos

O Chefe de Secção,

Armando Cancela de Amorim

Litoral ★ Aveiro, 27-II-1960 ★ N.º 279

Anúncio

Por este meio se faz público que no próximo dia 17 de Março, pelas 14 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca de Aveiro, se há-de proceder à venda em hasta pública dos bens arrolados para a massa falida de MANUEL DOS REIS, de Cacia, e que constam de:

— Uma balança em estado de nova, com força para 20 quilos, da marca «MEDINES» (A N);

— Um pinhal, situado nos Juncos, Cacia, que confronta do Norte com João Rodrigues Teixeira Pereirinha, do Sul com caminho público, do Nascente com vários e do Poente com herdeiros de Manuel Rodrigues Barbosa.

O pinhal vai à praça por Esc. 2.500$00.

Encargos da praça por conta dos arrematantes.

Aveiro, 18 de Fevereiro de 1960

O Administrador da Massa Falida,

Manuel da Cruz e Sousa

O Síndico,

Manuel Joaquim Sampaio Tinoco de Faria

EDITAL

Joaquim Neto Murta, Engenheiro-Chefe da Segunda Circunscrição Industrial.

Faz saber que a firma Pereiras, Martins & Pinho, L.da pretende licença para explorar uma estação de serviço e reparação de automóveis com soldadura oxiacetilénica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, fumos, perigos de explosão e de incêndio, sita em Vale da Grama, Freguesia e Concelho de Sever do Vouga, Distrito de Aveiro, confrontando a Norte com herdeiros de Firmino Amaral, a Sul e Poente com Augusto Pereira de Macedo e a Nascente com Estrada Nacional.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação e afixação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 22825, nesta Circunscrição Industrial com sede em Coimbra na Avenida de Sá da Bandeira n.º 111.

Coimbra e 2.ª Circunscrição Industrial, em 19 de Fevereiro de 1960

Pel' O Engenheiro Chefe da Circunscrição,

Mário Carneiro de Vasconcelos Ferreira da Silva

Pescarias Beira Litoral

S. A. R. L.

Capital realizado: 6 000 000$00

Rua da Liberdade, 10

AVEIRO

ASSEMBLEIA GERAL

Primeira convocatória

E' convocada a Assembleia Geral de «Pescarias Beira Litoral», sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Aveiro, para reunir, em sessão ordinária, às 16 h. e 30 m. do dia 21 de Março próximo, na sede do Grémio do Comércio, em Aveiro, com a seguinte

ORDEM DO DIA

a) — Discutir e aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, respeitantes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1959;

b) — Autorizar a Administração a outorgar na escritura de venda, pelo preço que julgar conveniente, dos palheiros sitos em São Jacinto, que foram propriedade da extinta xávega, e que se encontram inscritos na respectiva matriz sob os artigos n.os 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937 e 1938;

c) — Apreciar a proposta de alteração ao texto do § único do artigo 6.º dos Estatutos sociais, de cujo estudo e apresentação gentilmente se incumbiu, na última Assembleia Geral Ordinária, o Acionista Exm.º Senhor Dr. Querubim da Rocha do Vale Guimarães;

d) — Rever e actualizar as remunerações atribuídas à administração, em cumprimento do deliberado na última Assembleia Geral Ordinária.

Segunda convocatória

Se, por falta de comparência do número legal de Accionistas, a Assembleia Geral não puder funcionar na altura acima indicada, desde já fica convocada para novamente reunir no mesmo local pelas 17 h. e 30 m. do referido dia 21 de Março, com a mesma «ordem do dia», deliberando então com qualquer número de Accionistas.

Aveiro, 24 de Fevereiro de 1960

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Diogo Francisco d'Affonseca Passanha

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

S. A. R. L.

AVEIRO

Assembleia Geral

É convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Companhia a reunir no dia 28 de Março, pelas 15 horas, no seu Escritório, a fim de dar cumprimento à seguinte ordem do dia:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas do Conselho de Administração, referente ao ano de 1959.

2.º — Tratar de qualquer assunto de interesse social.

Aveiro, 25 de Fevereiro de 1960

O Presidente da Assembleia Geral

José Pereira Taavres

Na evocação do V Centenário Henriquino

Conclusão da página dois

messa de vencer ou perder a vida, trazendo consigo, e com Gonçalves Baldaia, além do mérito da conquista do feito, o valor enorme da descoberta, que por longo tempo se conservou em segredo, da derrota indirecta, em arco pelo Noroeste, uma vez que, como em nossos dias nos revelou e acentuou Gago Coutinho — moderno gigante de outra Aventura — a grande dificuldade a vencer, uma vez ultrapassado o Cabo, era a viagem de retorno, para se fugir aos ventos que sopram todo o ano para o sul das Canárias — o que se conseguiu.

E, na Escola do Promontório, a par dos sucessos dos empreendimentos, iam-se elaborando novos portulanos de minuciosas descrições, com a indicação preciosa das correntes e das marés, nos quais, harmonizando-se o saber à experiência, o enobrecimento com a beleza da arte, se afeitavam de iluminuras executadas pacientemente por excelentes artistas — e tudo de tal maneira valioso, que ainda hoje não está suficientemente esclarecido como se obteve para esses mapas a escala, a projecção, a relação com os périplos, com a bússula e com o fenómeno da declinação magnética.

Tudo ali era afã no desvendar da ciência cosmográfica, nas suas ramificações pela astronomia, geodesia e geografia, absorvendo, com insatisfação, os ensinamentos de Hiparco — desse grande astrónomo e matemático que floresceu na Niceia da sábia Grécia e que foi o inventor dos primeiros astrolábios, — para se utilizarem os inventos proporcionados pela geometria na observação dos astros, na determinação e duração das revoluções solares e lunares; a reflectir nas ideias cosmográficas e geográficas que se defendiam nas universidades medievais desse outro alto valor da Grécia, natural da Tebaída, que se chamou Ptolomeu, que, prolongando a ciência de Hiparco e dando largas ao seu fecundo saber, revelou novos elementos que se tornaram indispensáveis à prática náutica, e que originaram a verdadeira e perfeita geografia, na demarcação das terras pela correspondência que tem cada uma com o céu, com a devida largura e lonjura, e que hoje se classifica por latitude e longitude.

E, sempre sob a autoridade e inspiração do Infante, procurou-se simplificar o quadrante astronómico mais importante da época — o «vetus» e o «novus» — reduzindo-o à forma esquemática definitiva de um quarto de ciclo com o seu limbo graduado e os seus raios de pínulas furadas nos extremos.

Cuidadosamente recolhidas as informações transmitidas pelos navegadores, estas eram ali estudadas à luz de toda a observação, utilizando-as, cada vez mais, no aperfeiçoamento da arte de navegar, pois, para tanto, eram recolhidas, sem menosprezo, porque tudo era útil e conveniente, desde os processos rudimentares adoptados pelos italianos e marroquinos que serviram à navegação costeira, às determinações calculadas da navegação astronómica (donde resultou a estimada, a loxodrómica e a ortodrómica), cuja prioridade de criação e prática pertenceu, indubitàvelmente, aos marinheiros do Infante, como hoje está totalmente reconhecido por todos os historiadores da especialidade.

Depois... mares fora, terras além, dissipando as lendas medonhas que guardavam os mares ignotos, destruindo a crença do despovoamento da zona tórrida e muitas das falsas concepções de Estrabão e corrigindo até muitas outras do sábio Ptolomeu.

Depois... sempre com o mesmo patriotismo, e cada vez mais senhores da ciência segura, o senso prático e o transporte idealista, a confiança firme e a intrepidez — todas as virtudes da raça, todas as garantias do saber e todos os talismãs da fé — sempre mais além, até que pudessem chegar um dia às plagas fascinantes do remoto Oriente, pois cada vez se enriquecia mais o pensamento do Infante com novas certezas na absorvência da ideia que persistentemente o dominava: descobrir o caminho marítimo para a Índia, ao mesmo tempo que efectuaria a devassa do Ocidente.

Corporizando-se com o mar, com as suas nebrinas e infinitizando-se de horizonte, ele foi a alma inquieta e o eleito dos triunfos. Mas, para tanto — e nós todos o sabemos — foi necessária muita luta, muita energia, muitos sacrifícios e muitas dores, de que ele se tornou, em todas as circunstância, a figura consubstanciadora.

Depois... como herança preciosa da Escola do «grande e honrado» Infante, como dele nos diz Azurara, na *Crónica dos Feitos da Guiné*, conservou-se impoluto, pelos tempos fora, o carácter de rija têmpera dos navegantes e guerreiros, que nem riquezas nem molícias dos costumes estranhos abastardaram ou perverteram, andando sempre na lembrança de todos os fastos que os mais velhos memoravam, porque eram racontos de Aljubarrota e postremo cerco castelhano... E de descendência em descendência, a voz do passado na alma do presente ia-se relembrando aos moços, com orgulho e saudade, com proveito e exemplo, os casos, as façanhas, as lições do tempo de Sagres — os momentos eufóricos e triunfais, que a todos causavam pasmo e comoção, incendiando as imaginações mais serenas, predestinando àqueles que os iam suceder para que, corajosamente, sem medo ou tibiezas, afrontassem a morte para glória da vida.

E com eles — os que se arrostaram ao mar — dando graças a Nosso Senhor, de olhos fitos na sangrenta cruz de Cristo, emblema do sacrifício eterno do Homem pelo homem — a oscilar sobre o trigueiro tréu das velas, nós escutamos o vento em exaltação, a assobiar pelas enxárcias, nos amantilhos e óvens, nas betas das ostagas, dos guardins, das adriças e das vergas, ou contra as escoteiras retezadas, tangendo gemidos lancinantes. Nós os escutamos nos gemebundos ofegos a romperem dos arcabouços musculosos, nas suas lutas contra as tempestades, como se fossem rangidos de cabrestantes... E os escutamos nesses momentos inquietos das partidas, depois de receberem a absolvição plena dos seus pecados, conformemente à bula do Pontífice Martinho V, solicitada pelo Infante em benefício espiritual dos que perecessem nas empresas marítimas... como os escutamos na ocasiões alvoroçadas quando, com os olhos rasos de água, varavam a terra que os esperava ansiosa e fagueira, para, após, irmos com eles, a cantar os renovados feitos, entre *benedictus* e *hossanas*, em procissões e festas, pelas cidades e vilas do Reino.

. . . .

Das fúlgidas realidades conquistadas desentranharam-se os pomos de ouro de toda a nossa Epopeia marítima e essa esplendorosa Época Manuelina, que se prende aos olhos e ao coração de todos os portugueses quando, com justo orgulho, a evocam.

É esta Epopeia que tem, além do Infante de Sagres como seu precursor e patriarca, os nautas dos grandes feitos; desde Gil Eanes — o desencantador do mar, o das rosas de Santa Maria; Gama — que converteu em realidade o grande sonho da Índia; Bartolomeu Dias — o homem da revolução geográfica; desde Cabral, descobrindo o Brasil, a Albuquerque, dominando o Império do Oriente. Homens extraordinários, em cujo sangue se criou a fecundidade de todo humus de uma raça, todos expressão de energia, de sacrifício, de abnegação. E, com eles, o povo, que foi a realização e o braço das navegações portuguesas — que breou e estopou o taboado das naus, que levantou carcaças de caravelas e que combateu com o mar, enchendo, com a imolação das suas vidas, a história dolorosa dos naufrágios; que forjou as armas nas ferrarias e nas taracenas, que matou, que sofreu e que morreu para unir dois oceanos e criar três impérios — todos símbolos de heroísmo e do mar desvendado!

. . . .

Depois... daí em diante, tudo foi tumulto heróico, riqueza magnífica, esplendor ofuscante.

À revolução geográfica sucedeu-se a revolução política. A esta sucedeu a revolução económica e social.

E, no mesmo efeito de outrora, com a preeminência de Esparta na Liga de Lacedemónia ou da de Tebas na Liga da Beócia, à hegemonia das nações mediterrânicas, onde pontificavam Génova e Veneza, sucedeu-se a hegemonia das nações atlânticas, de que Portugal — empunhando o ceptro potente de dominador dos mares — foi o progenitor, levando-as consigo para a opulência e para a glória.

...E Lisboa — cesária deslumbrante — a linda Lisboa de sempre —, de capital de um pequeno e pobre Reino da Península, viu-se, repentinamente, transformada na metrópole comercial do Mundo de então, por ser ponto de partida e de chegada de todo o rico comércio do Oriente, a senhora absoluta da Europa toda!...

. . . .

Na vasta nave do nosso pensamento e da nossa evocação, parece ressoarem os passos augustos dos heróis, dos capitães, dos almirantes, dos governadores, dos vice-reis... dos super-homens da Índia!

Andam espectros solenes pela nossa imaginação — águas marulhantes em praias mansas ou turbilhões revoltos e espumantes surgidos nos pélagos profundos!

Escutamos o retinir de armas e o clangor de trombetas — procissão de crucifixos e cruzeiros erguidos, aqui e além, pelas terras do mundo! São eles todos e os missionários, sorrindo na imortalidade. São os marinheiros, a ralé sublime das armadas, risonha, guedelhuda e tisnada. São os homens de armas banhados no sangue dos seus sacrifícios — nesse sangue ardente que regou de estoicismos os campos das rudes batalhas! São as mulheres de Diu, esplêndidas no seu heroísmo e na sua renúncia, que um dia venderam as suas jóias para que se reconstruíssem, pedra a pedra, com lágrimas de júbilo e de orgulho, os baluartes arrazados da fortaleza! É o povo ululante, entontecido e deslumbrado, a gritar à terra inteira a sua própria glória!...

. . . .

A verdade dos feitos dimanados da acção do Infante está tão profundamente gravada na História, que admite, sem perda de valor e de virtude, as nossas ufanias e muitas tristezas, que se continuam no mar, berço e cova das gentes marinheiras, e por onde ainda hoje o nosso povo vai à conquista da fortuna, sob céus vazios que a sua fé encheu de visões felizes — este povo que talhou a Nação e cuja felicidade quase se resume «em viver trabalhando e amando, ou em morrer esperando e crendo», e que, pelos montes agrestes ou pelas campinas verdes ou pelos vales luxuriantes e perfumados, ergueu capelas e mosteiros, solares e palácios, cruzeiros e padrões, estátuas e bustos, para dignificar a glória de Deus, que o protegeu e inspirou, e a glória dos homens, seus pares e seus guias!

. . . .

O poema das ondas anda eternamente a cantar o aventureiro arrojo daqueles que rasgaram caminhos novos pelos mares do mundo. E, das penumbras, ergue-se alvinitente o perfil imenso do homem sonhador, símbolo permanente de uma presença viva, apoteose luminosa de uma alma que dominou o Infinito.

Extasiam-se os nossos olhos, queda-se estática a nossa lembrança ante os feitos heróicos — que não sofrem a tirania dos limites.

M. Lopes Rodrigues

CASTILLA!

Continuação da última página

de raparigas que há pouco chegaram graciosamente com o cântaro à cabeça. E os rapazes, que há pouco regressaram do campo, rodeando as moças, desabafando ternamente doces requebros pensados durante todo o dia. Ao ouvirem o sino anunciador, de pronto se quedaram em silêncio respeitoso. E em vez das frases alegres e brincalhonas, sai de suas gargantas o harmonioso susurro das Avé-Marias.

É a hora das Trindades.
Pudera!
São castelhanos.
Isto é Castela.

Maria del Carmem Serrano

Criação Literária

Continuação da última página

sensível e, quantas vezes, económicamente desastrosa. O próprio problema — terrível e aglutinador — da sobrevivência, passa para um lugar secundário, naquele tropel de fuga às personagens que o agarram, e que lhe imploram, que obrigam o artista a dar-lhes vida, dentro dum mundo feito à medida e gosto das mesmas personagens.

Quando o autor cria, não é ele quem faz mover a caneta: é o sonho, é a necessidade de fuga, é o desejo de ceder às implorações duma existência que só através dele pode expandir-se: a Arte.

Pereira da Silva

Direcção de
JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

Aspectos Subjectivos da CRIAÇÃO LITERÁRIA

ARTIGO DE PEREIRA DA SILVA

NESTA coisa espantosa que é a criação literária, só poucos, muito poucos, têm entrada. É uma porta caprichosa que só se deixa abrir pelo génio ou pela intuição evidente, servidos por um idealismo verdadeiro que conduz à Obra, meta desejada e procurada através dessa porta a abrir. E que se encontra para além? — Um museu perpétuo, onde o autor capaz de lá entrar figurará com a dignidade que a missão cumprida lhe incute.

Já houve alguém que afirmou que o criador literário é santo e demónio, anjo de paz e arauto de guerra, criador e destruidor. Mas é desta moxinifada de sentimentos diversos e confusos que ele extrai, com o seu maior ou menor génio, a alma e o sangue da sua segunda, quiçá da sua verdadeira Vida. Há uma entrega total do criador à coisa criada ou a criar, empolgante e dolorosa, que o leitor comum e apressado não tem o trabalho de imaginar. Na maior parte das vezes, este leitor devora a obra como mercadoria fabricada por um habilidoso com pouco que fazer. É esta mentalidade que impede a rápida e necesária profissionalização consciente do nosso literato — mentalidade que determinado e aberrante sector pretende proteger em auxílio aos respectivos interesses — tristemente realistas e inimigos facciosos do labor idealista em prol das massas... humanas.

Mas esse tenacíssimo caminheiro que é o escritor — o escritor português digno desse nome — subjugará todas as más vontades, toda a ingratidão, toda a incompreensão de que é alvo e iniquamente atingido.

O leitor comum, que tem de ser o grande consumidor do livro, há-de compreender que a criação artística — neste caso a literária — é fruto duma paixão, duma entrega, duma submissão arrasante do autor às personagens que a sua força imaginativa e entusiástica procura, encontra e pretende fazer viver. E nisso há sacrifícios inauditos, preocupações avolumadas, desprezo pelas convenções tradicionais, abandono do bem-estar comum. O seu físico sofre, a sua mente sofre, as suas relações sofrem uma mudança

Continua na página 7

A VIDA O DIRÁ...

O tempo passa,
Corre sem parar
E eu não sei que faça.
Andar...
Estacar...
Ele é senhor absoluto:
Temos de obedecer,
E' forte e resoluto.
— Que hei-de fazer?
Estacar ou andar?
Ninguém me diz...
Eu não sei
Ele é Rei!
Estrangula os que andam
Mata os que param.
Deixar de existir?
Assim nada pode fazer.
— Para sempre dormir?
Sim, o melhor é morrer.
Mas a morte é tão má...
— Que hei-de fazer?
A vida o dirá...

JAIME BORGES

Linóleo de CÂNDIDO GASPAR

Impressões d'Além-Fronteiras

CASTILLA!

Um artigo de MARIA DEL CARMEN MUÑUMER SERRANO

LÁ no fundo escuro da igreja destacava-se a suave virilidade de um homem. O rosto anguloso, de faces duras, estava sulcado de profundas rugas, que pareciam esculpidas pelo sábio buril do sol e da Natureza. De pé, com um rictus duro na boca, todo ele era firmeza e confiança. Levantava o manto para cima, num gesto de desafio, enquanto os seus olhos, pequenos, castanhos e prescrutadores, tinham um brilho de lágrimas e um fulgor de emoção e súplica incontidas. As mãos, calejadas pelo contacto com o arado, estavam unidas, num gesto de tétrica imploração, e agarravam um largo varal com que antes dirigiam a *carreta*. Tudo nele denotava firmeza, decisão e amor a Deus. Pudera!

Era um castelhano.

Sem ter dado conta, detive-me, presa ao encanto da planície. Campos... campos... Poucas árvores... Já nada se distingue. A terra une-se com o céu numa linha recta, que se recurva, suavemente, nos lados. É o mar dos campos de Castela!

Não vêdes o vento, brincalhão, meter-se entre as espigas brilhantes a fazê-las ondular? São as ondas de Castela. Tão belas como as do mar! Encerram em si todo um mundo de nobreza, de grandeza e poesia. São um cântico ao Criador... Um hino ao Senhor que, uma vez, só com o seu pensamento, criou a terra e, com ela, esta região que nos fala de austeridade... de fidalguia... de desprendimento... Pudera!

É... Castela!

Este clima, este ambiente, exclusivamente castelhanos, mostram claramente o seu sentir quando, tortuosamente e ondulante, avança pelo empedrado uma procissão.

É uma amálgama de gentes ansiosas por estar junto das imagens. Uma fé rude enche o coração de todos, e leva-os e exteriorizá-la nos cantos de penitência, iguais sempre, mas sempre diferentes.

Lá adiante, rodeado de jovens de ambos os sexos, vai um gigantesco crucifixo. Muitas vezes há discussão entre os rapazes para levar a imagem sobre os seus ombros. Mas o seu peso empresta asas aos seus corações transbordantes de amor e piedade.

Silenciosamente, a procissão avança... Não se ouve mais que o rumor produzido pelo choque dos pés dos caminhantes sobre as pedras, e a voz suave do sacerdote. Tudo o mais é devoção sincera; veneração absoluta, intimamente ligada ao sacrifício quo a imagem de Cristo representa. Um fervor desbordante de austeridade emana da multidão. Devoção sincera... veneração absoluta... fervor desbordante... Pudera!

Castela é assim!

Já caiu a tarde. A noite aproxima-se. Já o seu tépido manto envolveu de sombras as ruas estreitas e as praças escondidas. Pouco a pouco as luzes das casinhas vão desaparecendo... Tudo fica em silêncio! Escuridão! O pequeno povoado dorme totalmente. Mas... Nem todos dormem. Silenciosamente, escapou-se um raio de luz sobre o empedrado da rua. Ouve-se o murmúrio suave de algumas vozes. Sai um homem, seguido por um grupo, todos reduzidos a sombras na obscuridade. Avançam em silêncio pela rua. Atravessaram a praça quieta e escura e pararam numa ruela nua...

Nisto, ouve-se uma guitarra desgarrada que, começando suave e cerimoniosamente, acaba por soar em triunfo. E, destacando-se do grupo, um rapaz, agarrando com firmeza o cinturão, canta:

Quero-te mais que à vida
Mais que a meu pai e minha mãe
E, se fosse possível,
Mais do que à Virgem del Carmen.

Pouco depois perde-se na noite a serenata, e ouvem-se, cada vez mais ténues, as cordas da guitarra, que vão de uma a outra varanda... E é uma voz diferente em cada uma.

Nada se ouve já. Por detrás das persianas, algumas raparigas viram e ouviram, sem abrir as janelas. Esta coisa de não as abrir ocorre sòmente aqui! Pudera!

Estamos em Castela!

Lentamente, ouve-se o toque dum sino na distância. O som, que enche a planície sem fim, é repetido, cálida e transparentemente, por outros sinos. É o anúncio das Avé-Marias.

Ao ouvi-lo, os camponeses que foram apascentar seu gado, descobrem as cabeças. Inclinam-se na hora belíssima do entardecer, quando se mistura, entrechocando-se com a luz, a sombra difusa do crepúsculo. E entoam as Trindades, numa sinfonia transbordante e maravilhosa à Rainha dos Céus.

...E aquele moço, que trocou o seu trajo de lavrador e vai, pressuroso, ver a moçita que sabe que o espera, contem os seus próprios ímpetos ao ouvir o dlim-dlão anunciante. E ali, junto da esquina, reza à Mãe de Deus, recordando-a na hora em que foi visitada pelo Anjo.

...E, ao redor da fonte, os risos alegres um grupo

Continua na página 7

Desenho de JEREMIAS BANDARRA